

## O percurso do Abjeccionismo no discurso crítico de Mário Cesariny The Trajectory of Abjectionism in the Critical Discourse of Mário Cesariny

RUI SOUSA<sup>1</sup>

**Resumo:** O Abjeccionismo tem sido uma das mais debatidas vertentes relacionadas com o percurso do movimento surrealista em Portugal. Neste texto, propõe-se uma síntese dos principais aspetos convocados por esse conceito e apresenta-se uma panorâmica de algumas etapas representativas do pensamento crítico de Mário Cesariny, nas quais se percebem diferentes interpretações do Abjeccionismo. Em Cesariny, o Abjeccionismo começa por ser integrado como uma componente significativa da plural manifestação surrealista em Portugal, para ser entendido, quer como expressão de uma conjuntura partilhada por autores de diferentes correntes literárias e artísticas, quer como uma via sem relações com o Surrealismo e apropriada abusivamente por Luiz Pacheco.

**Palavras-Chaves:** Abjeccionismo; Surrealismo; Mário Cesariny; Luiz Pacheco.

**Abstract:** Abjectionism has been one of the most debated strands related to the course of the Surrealist movement in Portugal. This text proposes a synthetic perspective of the main aspects evoked by this concept and presents an overview of some representative stages of Mário Cesariny's critical thinking, in which the poet proposes different interpretations of Abjectionism. In Cesariny, Abjectionism was initially seen as a significant component of the plural Surrealist manifestation in Portugal, progressively coming to be seen, on the one hand, as an expression of a conjuncture shared by authors from different literary and artistic currents, on the other hand as a path unrelated to Surrealism and abusively appropriated by Luiz Pacheco.

**Keywords:** Abjectionism; Surrealism; Mário Cesariny; Luiz Pacheco.

---

<sup>1</sup> CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2810-0092>. Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do Projeto UIDP/00077/2020.

Em 1978, numa entrevista concedida a Francisco Belard, Mário Cesariny descreveu a experiência coletiva do Abjeccionismo no contexto português do seguinte modo:

Abjeccionismo [...] que nos caracterizou um bocado a nós todos, mais enquanto cidadãos que enquanto poetas. O poeta, pelo menos quanto a mim, não pode aceitar essa situação; ou morre, ou ele próprio expulsa as pessoas de si mesmo, ou de casa, ou do bairro, enfim, na sua zona de criatividade. O abjeccionismo apareceu com o favor de muita gente, porque no fundo era um país de nove milhões de pessoas abjeccionistas, sem direito a piar, sem direito a falar, sem nada. E posto que não se matavam, nem matavam, era realmente a situação já sonhada por Platão, pela expulsão das criaturas da cidade. Mas não creio que essa voga do abjeccionismo tenha clarificado uma posição surrealista. Muito pelo contrário, o abjeccionismo, no fundo, é ainda um existencialismo, parte de premissas que não têm nada a ver com o surrealismo. Se por miséria vivíamos numa ditadura, todos os poetas (e não só os surrealistas; todos os poetas são, para começar, homens – nem digo livres, porque não é preciso) tinham de clamar essa falta de cidadania. (Cesariny, 2020: 117-118)

Nesta síntese exemplar, o grande construtor da memória histórica do Surrealismo português exprimiu o fundamental da sua leitura do Abjeccionismo. Salientam-se a afirmação de uma contingência sociopolítica coletiva transversal

e condicionante de todas as manifestações de atividade cidadã e de criação poética, a configuração de uma ideia de liberdade criadora impossível de viver plenamente nesse ambiente opressivo e a distinção entre a vertente abjeccionista e os propósitos surrealistas propriamente ditos. A circunstância específica da receção do Surrealismo em Portugal e do confronto dos processos e experiências específicos desse movimento internacional com o contexto vivido em Portugal durante o Estado Novo é considerada equivalente a uma expulsão quotidiana do acesso de cada um à sua plena potencialidade criadora e de todos a uma verdadeira cidadania, interferindo com o modo como se equaciona existencialmente a relação do indivíduo com a sua própria identidade.

De modo a compreendermos a ambígua e polémica receção do Abjeccionismo por Mário Cesariny, importa que comecemos por apresentar-se alguns eixos estruturantes fundamentais. O conceito de Abjeccionismo tem despertado um debate considerável, acumulando-se pontos de vista bastante diversos, atendendo sobretudo ao tipo de interação da via abjeccionista com o Surrealismo propriamente dito e com outros movimentos literários e filosóficos anteriores ou contemporâneos. Destaco três ângulos interpretativos fundamentais, dos muitos que poderiam ser tidos em consideração.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para uma mais ampla análise do assunto, remeto para dois trabalhos anteriores, nos quais se abordou, primeiro, a presença da abjeção no percurso de todo o Surrealismo português e, depois, o essencial das diferentes manifestações do Abjeccionismo, entre as décadas de 40 e de 70 (cf. Sousa, 2016 e 2019).

Por um lado, o Abjecionismo é visto como expressão de algum afastamento dos surrealistas portugueses face à ortodoxia representada por André Breton e pelo grupo surrealista parisiense, coincidindo também com a receção de autores dissidentes, casos de Georges Bataille, Antonin Artaud, Michel Leiris, Roger Caillois, Yves Bonnefoy, entre outros, e com o contexto de relançamento internacional do Surrealismo depois da Segunda Guerra Mundial (Cuadrado, 2017: 58).

Por outro lado, o Abjecionismo tende a ser entendido, de modo mais ou menos exacerbado, como um fenómeno parcial ou totalmente específico da realidade social, política e cultural portuguesa. Uma das mais pertinentes linhas de leitura entende a via abjecionista como efeito de uma certa continuidade relativamente ao momento vanguardista representado pela tradição literária portuguesa que conduziu ao *Orpheu* e se prolongou produtivamente no momento surrealista (cf. Martins, 2016: 23-33) e como manifestação do modo peculiar com que o vanguardismo português se relacionou com os ismos internacionais, derivando de um movimento que se processa como «passeio pelas diversas vanguardas — ou ismos —, sem, no entanto, deixar-se fixar ou rotular por nenhum deles» (Martuscelli, 2013: 198). Outra leitura concentra-se em apresentar o Abjecionismo como expressão superlativa

do espírito de guerrilha vivido em Portugal durante o Estado Novo, sobretudo em torno do lendário Grupo do Café Gelo e em nome de um espírito mais eclético e *underground*, vivido com o seu «nojo da vida política e cultural portuguesa» e com o confronto sobrevivente com um meio cultural que é «dado-imposto» (Castro, 1987: 69-70).

Finalmente, o Abjecionismo tem sido apreciado como repercussão em Portugal de uma tradição moderna significativa, a dos *poetas malditos*. É neste sentido que tendem a ser recusadas as aproximações entre o Surrealismo e o Abjecionismo, privilegiando-se sobretudo os aspetos em que se afirma uma certa «síntese entre a denúncia neo-realista (um neo-realismo que mostrasse a sua face mais anti-heróica sem o querer nem o desejar)» e «a angústia de uma interrogação quase existencialista sobre o poder da literatura e da arte [...] e o que poderíamos chamar “exibicionismo miserabilista”», identificado com Henry Miller, com o Expressionismo alemão e com o Dadaísmo (Cuadrado, 2017: 56-60). Outros autores associam a esta linhagem vasta outros movimentos da segunda metade do século XX, como o Existencialismo, o Teatro do Absurdo, a *Beat Generation* ou movimentos e grupos tardios portugueses, como os representados na antologia *Sião* (1987) ou em projetos editoriais e antológicos como a *&etc*, a *frenesi*, a *Averno* ou a antologia *Poetas sem qualidades* (2002) (Mourão, 2002: 31-38; Guimarães 1989: 29; Guimarães, 2004: 143-154).

Consideradas as várias hipóteses, sintetizo brevemente a minha leitura do assunto, devedora de elementos importantes dessas perspetivas e sobretudo da necessidade de as relacionar e de suavizar certo excesso patente em algumas delas. Assim, proponho que o Abjecionismo deva ser lido em diálogo com o discurso de autores surrealistas ou próximos do movimento, nomeadamente no debate sobre a categoria do abjeto e das suas relações com uma ideia de libertação. Entendo essa questão como um dos grandes baluartes de uma certa tradição moderna anterior ao Surrealismo, mas que adquire a devida importância crítica com esse movimento, e através dele adquire condições de expansão e desdobramento adequadas, cruzando-se com outros referentes e respondendo a contextos locais muito distintos. Considero, portanto, que o Abjecionismo se situa simultaneamente no escopo plural de uma linhagem da qual o Surrealismo é um dos eixos decisivos e, no quadro específico português, que marcará o Modernismo de *Orpheu* e os subsequentes movimentos vanguardistas nacionais, nomeadamente o Surrealismo e suas continuidades. Finalmente, tendo a defender que o contexto social e político experienciado em Portugal durante as décadas do Estado Novo é essencial para que se compreenda a proposta abjecionista, embora a problemática introduzida por essa vertente não se esgote no confronto com a realidade salazarista, remetendo também para discussões mais amplas sobre a condição humana e o estatuto

do criador face às diversas manifestações da ordem social vigente.

Neste ensaio, concentrarei as minhas considerações ao nível de um núcleo decisivo para a discussão do tema em apreço, a realidade textual representada pelas propostas teóricas de António Maria Lisboa e de Pedro Oom, no final da década de 40, e pelas suas continuidades nas décadas subsequentes, sobretudo em Mário Cesariny e em Luiz Pacheco. Depois de brevemente apresentadas as ideias fortes de Lisboa e de Oom, dirigirei o foco do texto para o percurso que o Abjecionismo teve no discurso crítico de Mário Cesariny, abordando brevemente também os aspetos decisivos da rutura concetual com Luiz Pacheco, tendo a questão abjecionista como elemento-chave.

Em 1950, no texto «Aviso a tempo por causa do tempo», António Maria Lisboa definiu a atmosfera de mútua conflitualidade entre os membros do anti grupo Os Surrealistas e a sociedade sua contemporânea, em termos da reivindicação agressiva de permanente libertação por parte do poeta. Lisboa define, falando em nome do coletivo de poetas e artistas aos quais estava associado, um princípio de individualidade radical, em clave abjecionista: «sendo individualmente e portanto *abjeccionalmente* desligados das normas convencionais, temos o máximo regozijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino» (Lisboa, 1995:

53). Uma atitude de distanciamento em relação às convenções, que se alimenta da divergência e a dirige polemicamente contra a ordem estabelecida, impondo o estranhamento continuado e incessante como princípio crítico fundamental.

Trata-se de uma estratégia que, não coincidindo com o que seria uma tábua rasa cultural, assenta na lúcida percepção de que o percurso individual deve fazer-se em termos de um distanciamento crítico permanente relativamente às diferentes hipóteses disponibilizadas: «não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia [...] apenas nos resta tomar conhecimento: algumas vezes achar *bom* outras achar *mau*» (Lisboa, 1995: 53). O estranhamento continuado relativamente aos saberes e instituições estabelecidas pela sociedade permite ao sujeito emancipado reconhecer nos valores responsáveis pela manutenção da ordem um «fruto e elemento exacto e necessário da sociedade» e, ao mesmo tempo, recusar-se a circunscrever a sua experiência pelos imperativos ditados por esses códigos. É dessa postura que deriva a dupla abjeção estruturante do conceito, dado que, por um lado, o indivíduo repudia os princípios que sustentam a estru-

tura social, que sujeita ao desprezo inerente à abjeção, enquanto, por outro lado, a sua divergência programática relativamente a esses pilares estruturantes — «a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico)» — conduz a que a sociedade o marginalize e o considere uma ameaça potencial, fonte de contágio e de abjeção (Lisboa, 1995: 53).

É neste sentido que devem situar-se algumas afirmações desenvolvidas na conferência-manifesto «Erro próprio» (1952), que, na medida em que serão retomadas por Mário Cesariny e por Luiz Pacheco, merecem uma leitura demorada.<sup>3</sup>

Neste texto, Lisboa desenvolve uma perspectiva global sobre a condição humana, relacionando-a com a interrogação basilar do Abjeccionismo. Ao convidar o público deste manifesto-conferência a deslocar os horizontes em que se move o ser humano do plano da «chamada vida prática» para um outro patamar de conhecimento, permanentemente aberto a novos horizontes, Lisboa deixa também claro que essa via alternativa implica uma de três coisas: a) o permanente ímpeto questionador, através do qual o indivíduo se permite desenvolver um inquérito derivado de um confronto

---

<sup>3</sup> Na edição de 1977 da *Poesia de António Maria Lisboa*, Cesariny descreveu com precisão a importância deste texto essencial, dando-o como expoente de uma prática coletiva à qual o Abjeccionismo não é estranho: «[...] no seu magnífico tumulto desordenado-desordenador, o texto de “Erro Próprio” é o Destino Reencontrado, o corte e a ponte para o segundo nascimento ou único nascimento verdadeiro. Ordenando e vitalizando preocupações do grupo anti-grupo de 1949-1951 e, mais fundo, as do anterior convívio com Pedro Oom, do qual colhe e leva às últimas consequências a ideia, ou sentido, de abjeção [...]» (*apud* Lisboa, 1977: 390).

«ingênuo» com o mundo circundante; *b*) um hipotético estado de desespero, relacionado com a percepção da aparente falta de sentido para a existência, sobretudo quando perturbada por lacunas heterónomas; *c*) uma aguda afirmação da própria identidade, «contra toda a espécie de influências estranhas e dirigidas contra os nossos desejos e vontade» (Lisboa, 1995: 26).

No Abjecionismo, segundo Lisboa, confluem uma certa compreensão da liberdade como conquista permanente no confronto com o ambiente circundante, a afirmação de um individualismo radical, em função do qual o sujeito criador se toma como ponto de partida para uma mudança desejavelmente coletiva, mas que reside essencialmente na sua atitude particular, e um espírito de absoluta abjeção, resultante de um certo estado de desespero derivado da experiência da condição humana, sobretudo em certos panoramas sociopolíticos, que implica que o indivíduo encontre as ferramentas para a sua persistência afirmativa:

Uma mudança de rumo em TODOS e em TUDO não pode deixar de começar em nós individualmente. «Até que ponto pode chegar um homem desesperado quando o ar é um vómito e nós seres abjectos?» — frase que poderemos intitular de central. E esta posição de abjecção, de desespero irremediável, leva-nos à única posição válida: — SOBREVIVER, mas Sobreviver LIVRES, pois não existe sobrevivência na escravatura, mas na não aceitação desta. «Ser Livre» é possuir-se a capacidade

de lutar contra as forças que nos contrariam, é não colaborar com elas. (Lisboa, 1995: 34)

A conexão entre a liberdade, o individualismo e a sobrevivência ativa numa realidade abjeta estrutura-se através da centralidade da Crítica, termo fundamental para António Maria Lisboa e com ampla repercussão em autores que nele deliberadamente se inspiraram:

A crítica, para nós, é a acção AGRESSIVA dum indivíduo que se opõe e contrapõe a outro [...]. O Homem só se apresenta válido socialmente quando se afirma em combate a outro, que, em primeira e última análise, é sempre possuidor, como o primeiro, duma «experiência decisiva», «uma experiência de suicídio» que lhe dá bagagem para se afirmar igualmente. (Lisboa, 1995: 40)

A proposta de um panorama ativo definido a partir do entrelaço contínuo entre pontos de vista diversos é exposta também numa carta dirigida a Henrique Risques Pereira, na qual consta a mesma correção ao excessivo hegelianismo de Breton que Pedro Oom considerará fundamental para o entendimento da singularidade abjecionista:

Pena é, *aqui é pena*, que existam surrealistas (a camada mais sensível, mais inteligente e capaz) que após Freud e anos de Freudismo, após Sherlock Holmes e anos de detetivismo, após a descoberta e renovação dos processos mágicos (etc., etc.); e que não tivesse descoberto que a única forma de *encobrir* (aqui é



ocular) é a do constante, persistente enriquecimento! — Diga-se, apesar disso: — Enriquecimento não no sentido de se construir, mas no de se destruir; precisamente, não me enganei — DESTRUIR. Deixemos a dialética no bolso dos fáceis; explica mas não realiza, desvia o conhecimento, contrai. Destruir é construir? engano: destruir é *realizar-se* outro objecto ou noutro mas nunca construí-lo. (Lisboa, 1995: 303)

Não subsiste, portanto, neste ponto de vista, a pacificação idealista reconhecida em certas manifestações da dialética hegeliana no movimento surrealista, mas um percurso incessante que parte do já adquirido para novas formas de recusa dos atavismos existentes. Em António Maria Lisboa, o indivíduo criador é entendido como um sujeito de recusa permanente, que só consegue expandir-se por contraponto ao que o rodeia e que procura destruir as ideias estabelecidas para nesse processo se aproximar de novos resultados, provisórios também eles, missão que é experienciada também no diálogo crítico consigo próprio. É essa a disposição do espírito que ressoa numa entrevista de Pedro Oom publicada no *Jornal de Letras e Artes* em 1963, na qual se clarifica o sentido do Abjeccionismo e a sua dinâmica específica.

O Abjeccionismo é apresentado por Pedro Oom como uma atitude, uma forma de o indivíduo evoluir adequadamente face a um contexto que procura submetê-lo aos padrões morais e espirituais da sociedade moderna e da civi-

lização por esta promovida. A dúvida, que no manifesto «Erro próprio» é considerada como central por António Maria Lisboa, dado que remete para a experiência de um mundo-vômito que exige do indivíduo uma forma particular de aceder à sobrevivência, é neste contexto retomada como síntese elementar de uma posição comum desenvolvida «na resposta que cada um dará à pergunta: “que pode fazer um homem desesperado quando o ar é um vômito e nós seres abjectos”»; dessa pergunta comum e das várias respostas possíveis, dependentes do temperamento particular de cada sujeito abjeccionista, derivaria a permanência das condições mínimas para a «livre floração da personalidade» (*apud* Cesariny, 1997: 291).

A recusa da pacificação cultural proclamada por Lisboa está também aqui presente, inscrita na génese da distinção entre o Surrealismo e o Abjeccionismo, naquela que constitui a mais aprofundada exposição teórica da dissidência abjeccionista:

A diferença fundamental entre surrealismo e abjeccionismo está no seguinte: nós também acreditamos na existência de um determinado ponto do espírito onde a vida e a morte, o alto e o baixo, o sonho e a vigília, etc., deixam de ser contraditoriamente apercebidos, mas cremos igualmente na existência de um outro ponto do espírito onde, simultaneamente à resolução das antinomias se toma consciência das forças em germe que irão criar novos antagonismos. Em resumo, Breton diz que há um ponto do espírito onde as antinomias deixam

de ser contraditoriamente apercebidas e eu digo que, mesmo idealmente, duas proposições antagónicas não se podem fundir sem que logo nasça uma proposição contrária a essa síntese. Por isso, tanto a posição surrealista como a contrária me parecem limitadas. (*apud* Cesariny, 1997: 292)

Na perspetiva de André Breton, existiria um momento futuro relativamente ao qual poderia falar-se de uma espécie de fim da História, dado que se conciliariam definitivamente as múltiplas facetas do real, finalmente pacificadas. A correção operada por Pedro Oom corresponde a um quadro de exaltação da liberdade do pensamento, alerta quer para a inevitável aparição de novas problemáticas, questionamentos e controvérsias, num horizonte humano aparentemente inesgotável, quer para a necessidade de o ponto de vista bretoniano ser também incluído no âmbito dos vários discursos em disputa, relativamente aos quais a visão abjecionista pretende manter uma assinalável distância crítica.

Face a um contexto em que «o ar é um vómito e nós seres abjectos», as respostas à pergunta «que pode fazer um homem» — e acentue-se que o foco se encontra na singularidade, pois é de «um homem» e não «do Homem» que se está a falar — podem ser tantas quantos os sujeitos que desejem procurar uma forma de lhe corresponder, afirmando-se. A formulação de Pedro Oom permite colocar a questão do ser humano num plano mais vasto do que o

relacionado com o contexto português, na medida em que parece constituir uma sùmula não só da condição histórica e poética das vanguardas portuguesas, mas também da própria condição humana. Com efeito, se entendermos que «um homem desesperado» é uma descrição apropriada do indivíduo que ganhou consciência das suas contingências e limitações, o entendimento dos seres humanos como «seres abjetos» ultrapassa a crítica a um enquadramento sociopolítico localizado — aquele circunstancialmente faz do ar «um vómito» — para apontar para uma perspetiva sobre o problema político causado pela singularidade de cada expressão da experiência humana, potencialmente considerada abjeta pelas normas padronizadoras subjacentes aos vários poderes constituídos.

Na década de 60, as teses propostas por António Maria Lisboa e por Pedro Oom seriam recuperadas e reelaboradas de diferentes modos, sobretudo por Mário Cesariny e por Luiz Pacheco, autores de duas leituras distintas e mesmo antagónicas: o «Surreal-Abjecionismo», com o qual Cesariny exprimiu criticamente a sua interpretação do alcance, do verdadeiro sentido e dos limites da via abjecionista, e o «Neo-Abjecionismo», conceito com o qual Pacheco pretendeu congregar o núcleo programático dos discursos de Lisboa e de Oom com o seu próprio projeto teórico e autoral. Neste texto, atentarei sobretudo na primeira dessas recuperações críticas.



Mário Cesariny desenvolveu uma leitura plural, ambígua e complexa do Abjeccionismo, que só pode ser devidamente interpretada tendo em consideração as diferentes etapas de um percurso crítico em devir. Se é verdade que Cesariny terá sido o surrealista português mais crítico da deriva abjeccionista e das leituras que estabeleceram relações diretas entre Surrealismo e Abjeccionismo, deve também assinalar-se o peso decisivo do seu labor antológico e historiográfico na consolidação do Abjeccionismo.

Importa lembrar que Cesariny havia sido diretamente associado ao Abjeccionismo por António Maria Lisboa, que descreveu do seguinte modo a sua posição quanto à eventual necessidade de etiquetar a sua atividade: «Não se tratava em mim (em nós) de negar o Surrealismo e os seus princípios, mas ilibava-me eu de tomar lugar na querela do eu sou, tu não és. Serei ou não surrealista de hoje para o futuro com a minha Metaciência e o Nosso Abjeccionismo» (Lisboa, 1995: 196).

De facto, a presença da abjeção no modo como Cesariny se dirige à realidade portuguesa e aos diferentes percursos seguidos na sequência da aventura surrealista coletiva encontra-se expressa em algumas cartas dirigidas a Cruzeiro Seixas. Em janeiro de 1953, Cesariny mostra-se particularmente afetado pelos «vómitos a que vamos chegando todos», recuperando explicitamente os termos com que Lisboa e Oom cunharam o mote fundamental do Abjeccio-

nismo, obviamente conhecido de todo o grupo e, portanto, parte de um vocabulário comum. É, de resto, através da ambígua inquietude abjeccionista, entre a aproximação a estados de renúncia e a necessidade de afirmação alternativa, que Cesariny apresenta o panorama experienciado em Portugal ao amigo ausente em Angola, situando-o entre a «*vida-esperança-desespero*» de Risques Pereira e do próprio Oom e a «*inapetência para ser feliz*» com que Cesariny descreve a sua situação (Cesariny, 2014: 77-78). Ora, essa disposição não é entendida como característica exclusiva, mas como uma espécie de sensibilidade comum, afim da de Luiz Pacheco: «É o preço, é o preço! Eis o que impõe à minha consideração, apesar dos dislates, o Luiz Pacheco. Eis aí outro louco também não ocupado com as felicidades...» (Cesariny, 2014: 85-86).

O texto *Autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa* (1958), de Cesariny, é o mais representativo desse influxo abjeccionista na sua obra. Com efeito, e se considerarmos a carta em que António Maria Lisboa afirma formas específicas de liberdade individual e coletiva, o facto de Cesariny convocar para este texto uma das frases que Lisboa dá a conhecer precisamente nessa carta estabelece nexos fundamentais entre os dois documentos. Aliás, a conexão é explicitamente estabelecida também na reedição de «Erro próprio» em 1962, da responsabilidade de Cesariny, na qual o manifesto-conferência era associado aos textos em prosa de *Isso ontem único* e a *Au-*

*toridade e liberdade são uma e a mesma coisa*, apresentado como texto prefacial.

*Autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa* segue de perto «Erro próprio», enquanto contributo teórico para a edificação de uma certa ideia de liberdade, delineando um quadro de relações sociais complexas que enformam três categorias: *i)* a vivência que deveria ser partilhada por todos os homens se conseguissem libertar-se, dado que «Todo o homem é teatro de uma inexpugnável autoridade», noção que, neste sentido, corresponde à coincidência do indivíduo com tudo quanto produz; *ii)* o panorama constituído pela *doxa*, cujos representantes consideram «possível autorizar ou desautorizar a autoridade de outrem», intrometendo-se no modo como o indivíduo gere as propensões da sua própria vida; e *iii)* a mundividência peculiar do libertino, que dispersa o exercício da sua autonomia, ao «Trocar a liberdade em liberdades», expressão que indicia provavelmente um primeiro sinal de crítica de Cesariny a Pacheco, embora neste caso a libertinagem seja ainda parte da teoria da liberdade como relação autoral (Cesariny, 2015: 84).

É nesse sentido, e em diálogo aberto com «Erro próprio», que Cesariny prolonga uma frase utilizada por Lisboa para situar o sentido da emancipação preconizada pela fórmula abjecionista. Recupero a passagem de Lisboa, já citada:

Uma mudança de rumo em TODOS e em TUDO não pode deixar de começar em nós individualmente. «Até que ponto pode chegar um homem desesperado quando o ar é um vômito e nós seres abjectos?» – frase que podemos intitular de central. E esta posição de abjecção, de desespero irresignável, leva-nos à única posição válida: – SOBREVIVER, mas Sobreviver LIVRES, pois não existe sobrevivência na escravatura, mas na não aceitação desta. «Ser Livre» é possuir-se a capacidade de lutar contra as forças que nos contrariam, é não colaborar com elas. (Lisboa, 1995: 34)

A autoridade definida por Cesariny, equivalendo a esse desejo de começar um movimento libertador a partir do indivíduo e da sua capacidade de resistir autonomamente ao contexto opressivo e alienador no qual se encontra inserido, deriva diretamente desta proclamação: «Ser-se livre é possuir-se a capacidade de lutar contra o que nos oprime. Quanto mais perseguido mais perigoso. Quanto mais livre mais capaz. / Do cadáver dum homem que morre livre pode sair acentuado mau cheiro – nunca sairá um escravo. / Autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa» (Cesariny, 2015: 85). Assim, e tendo em conta inclusive a inscrição da derradeira manifestação de liberdade num elemento relacionado com a área semântica da abjecção – o cadáver como resíduo definitivo do sujeito sobrevivente, sujeito à putrefação, como todos os organismos –, a conexão agressiva que Cesariny propõe entre o autor e as suas múltiplas afirmações é uma variante possível do mote abjecionista.

A participação fundamental de Cesariny no desenvolvimento do Abjeccionismo dimensiona-se a partir da década de 60, momento no qual o conceito é inserido no contexto de uma revisão histórica do percurso do Surrealismo em Portugal. A amplitude que a vivência abjeccionista adquirira na época permitiu-lhe desenvolver uma ampla e criticamente muito rica expressão do Abjeccionismo como reação a um contexto comum, capaz de abranger diferentes correntes literárias e artísticas, na peculiar antologia *Surreal-Abjeccion (ismo)* (1963). Esta antologia apresenta, em chave negativa, a conjugação entre aspetos derivados da poética neorrealista, vestígios das diferentes manifestações da amplitude transfiguradora derivada do contacto com o Surrealismo e alguns dos mais emblemáticos textos exemplares da poética abjeccionista desenvolvida por António Maria Lisboa e por Pedro Oom e continuada no grupo do Café Gelo. O projeto, como Afonso Cautela salientou, passa pela escolha de um neologismo — «Surreal-Abjeccionismo» — através do qual se designa um novo mito que converte o influxo surrealista numa «encruzilhada de caminhos», num «espírito» e não num «ismo», que propiciava a síntese entre expressões internacionais e o contexto português, entre os exemplos de Bataille ou Artaud e a herança modernista de Álvaro de Campos (Cautela, 2013: 61).

Essa amplitude, única em toda a produção bibliográfica relacionada com o Surrealismo português, permite incluir num único

livro precursores representativos dos vários grupos surrealistas portugueses, juntando à quase totalidade dos nomes associados ao anti grupo Os Surrealistas e ao seu de algum modo herdeiro grupo do Café Gelo uma série de nomes deslocados do panorama histórico surrealista, conforme definido por Cesariny e pelos seus companheiros — alguns dos membros do Grupo Surrealista de Lisboa —, assim como precursores exemplares, como Almada Negreiros, e personalidades que pouco devem ao Surrealismo, como Irene Lisboa, Joaquim Namorado, entre outros.

Um outro elemento decisivo da antologia de 1963 é o estatuto atribuído por Cesariny à alteração crítica de Pedro Oom ao idealismo bretoniano, reservando às afirmações de Breton e de Oom o estatuto de epígrafes:

Tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o que está em cima e o que está em baixo deixam de ser apercebidos contraditòriamente. Tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o que está em cima e o que está em baixo deixam de ser e não deixam de ser apercebidos contraditòriamente. (Cesariny, 1963: 13)

É inspirado no contraponto entre estas duas alternativas que Cesariny orienta a sua antologia conforme ao «propósito inicial», que me

parece ser aquele que o próprio Cesariny descreverá caracterizando a «vantagem, nossa, de sermos uma geração que despontava, descobria e repudiava, amava ou detestava a seu talante, e pronta, sempre, a decapitar qualquer chefe, por muito extraordinário ou amável que viesse» (Cesariny, 2015: 271).

Posteriormente, Cesariny procurou restringir o influxo abjecionista às ideias e criações literárias de Pedro Oom, desenvolvidos no contexto do anti grupo Os Surrealistas. Em 1966, na obra *A intervenção surrealista*, estabelece-se essa circunscrição crítica, embora evidenciando o impacto das ideias de Oom em documentos como o manifesto coletivo «Afixação proibida» (1949) ou o icónico texto de António Maria Lisboa, «Erro próprio» (1950):

Pedro Oom [...] Escreve um manifesto «abjeccionista» que entretanto se perdeu (como a quase totalidade dos seus poemas desta época). [...] Da sua intensa actividade poética nesta época e dos textos chegados até hoje restam os poemas «O Sonhador Especializado», «Um Ontem Cão», os poemas de A Afixação Proibida e alguns, escassos, inéditos. No entanto, muitas das mais importantes posições assumidas por António Maria Lisboa no manifesto «Erro Próprio» resultam do convívio com Pedro Oom. (Cesariny, 1997: 62)

No «Prefácio», Cesariny apresenta alguns traços da crítica às limitações do paradigma surrealista bretoniano, em linha com os pontos de vista de Lisboa e de Oom, defen-

dendo que a liberdade constitui uma via para a transformação moral do indivíduo, permitindo-lhe sobreviver autonomamente, mesmo quando submetido a uma vida de «abjeção», ao abrigo de uma atividade poética experienciada como plano da experiência pessoal, alheia a qualquer projeto «maior do que o experimentador» e adequada a uma agressiva e individualista «expressão do ser vivo» (Cesariny, 1997: 9-15). Esse vocabulário, e a quantidade significativa de menções ao Abjecionismo e de textos capitais na configuração desse conceito, ajudam a perceber que em *A intervenção surrealista* (1966) Cesariny ainda parece sugerir que o Abjecionismo é uma das formas marcantes da presença surrealista em Portugal, mesmo que mais diretamente relacionada com a prática poética e teórica de Pedro Oom. Nessa altura, portanto, importava sobretudo defender que a vertente abjecionista não deveria confundir-se com a totalidade da ação surrealista portuguesa.

É, em geral, este ponto de vista que em 1973 se veicula para o exterior, no texto «Para uma cronologia do Surrealismo Português», publicado na revista francesa *Phases*. Nesse panorama amplo e criticamente riquíssimo da presença surrealista em Portugal, Cesariny confere ao Abjecionismo o estatuto de uma das «três posições que, convergindo, divergem» e que, por essa mesma diversidade, agudizam a original expressão do Surrealismo português: «o “Amor, Mágico e Extra-Mundo”, de António Maria Lisboa; o “Amor, Amor Humano”, amor

que “nos devolve tudo o que perdêssemos”, de Mário Cesariny de Vasconcelos; e “a impossibilidade de Amor, ou a Abjecção”, de Pedro Oom» (Cesariny, 2015: 272).

Em 1974, contudo, Cesariny opta por desligar abruptamente o Surrealismo e o Abjeccionismo, relacionando a eventual proximidade estabelecida na antologia de 1963 com o contexto epocal e com o que, no seu entender, seria um território híbrido e irrepetível, meramente circunstancial, que não podia contagiar o legado surrealista. Cesariny assume uma toada muito mais negativa, considerando que «[...] aqui e agora e sempre em todo o lado o surrealismo não tem nada a ver com o abjeccionismo ou só terão de comum o haverem-se conhecido na cadeia, onde vai tanta gente por tão diversos cantares e até só por receio, visita de estudo e turismo» (Cesariny, 2015: 239).

Esta afirmação encontra-se diretamente relacionada com Luiz Pacheco e com a derradeira etapa da disputa entre ambos, o diálogo editorial entre *Pacheco versus Cesariny* e *Jornal do Gato*, ambos de 1974. Depois do ataque que Pacheco lhe dirigiu na sua polémica antologia epistolar, condensando cartas representativas da experiência surreal-abjeccionista ao longo da década de 60 e incluindo a grande maioria dos panfletos com os quais criticava *A intervenção surrealista*, Cesariny responde com algumas correções e acertos cirúrgicos patentes em *Jornal do Gato*. Um dos documentos decisivos nessa polémica é uma carta datada de

15 de setembro de 1959, na qual Pacheco se situa face ao Surrealismo e ao Abjeccionismo:

Em relação ao surrealismo português, não fui mais que um sacristão, um apaniguado de terceira. Quanto ao abjeccionismo, aí todos nós temos um lugar reservado, de destaque [...] Precisamente, a nossa geração, e outras mais que vieram (antes e depois), somos todos da abjecção pura. O que nada tem a ver com a moralidade de cada um, mas apenas com o ar que todos respiram. (Cesariny, 1974: 20-21)

Luiz Pacheco resume em breves linhas a riqueza da icónica formulação de António Maria Lisboa e de Pedro Oom, nomeadamente ao nível da necessidade de uma reação individual a uma condição comum — o «ar-vómito» que a todos envolvia. Cesariny reagiu sugerindo que, nessa altura, o Abjeccionismo se encontrava de tal modo conotado com Luiz Pacheco, que as próprias teses de Lisboa e Oom precisavam de ser extraídas ao ambiente no qual Pacheco se tinha deixado mergulhar:

O ar respirado por António Maria Lisboa é sem intermediários e altamente destrutor do ar absorvido por Luiz Pacheco em terceira ou quarta narina, enquanto o aparelho respiratório de Pedro Oom não o deixou sobreviver a uma rajada de ar puro. [...] A abjecção promovida por condições sócio-políticas será a única a explicar a vagabundagem do poeta? Sabemos que não. Artaud fugiu espavorido da democracia francesa dos anos trinta. Mayakowsky suicidou-se em plena gesta do comunismo russo. A estes dificilmente se poderá

contar o conto do abjeccionismo nos termos em que, sempre contrário ao surrealismo, faz ditosa carreira em Portugal. (Cesariny, 1974)

A derradeira imagem que Cesariny deixa do Abjeccionismo, pelo menos na sua existência portuguesa, exprime a necessidade de isolar Luiz Pacheco, desligando a sua visão específica do Abjeccionismo das assunções defendidas pelos grandes teóricos dessa corrente. Portanto, mais do que uma genuína animosidade relativamente ao Abjeccionismo, ao qual dera importante direito de cidadania nas suas duas antologias e no texto «Para uma cronologia do Surrealismo Português», entre outros textos relevantes, o que está em causa é a necessidade de reagir ao modo como Pacheco se fora apropriando do vocabulário desenvolvido por Lisboa, Oom e pelo próprio Cesariny. Um processo para o qual o próprio Cesariny chegou a ser convocado, em dois momentos relevantes.

Primeiro, no lançamento da antologia *Surreal-Abjeccionismo* (1963), no qual Pacheco deu a conhecer ao público presente na sala o primeiro texto programático do Neo-Abjeccionismo, ironicamente pela voz de Cesariny, que, na ausência do autor, leu o texto «O que é o Neo-Abjeccionismo». É marcante o contraste entre os propósitos dos dois autores, dado que, se Cesariny idealizou para a sua antologia uma espécie de terreno amplo no qual

se encontrariam representantes de várias correntes acoissadas pelo regime, o seu companheiro e adversário de tantas décadas optou por preparar para a ocasião uma exuberante demonstração de individualismo programático, fazendo coincidir os pressupostos do Abjeccionismo com a sua experiência humana e autoral.<sup>4</sup> A dissonância é ainda maior se atendermos a que Pacheco visa criticamente as correntes estéticas e ideológicas convocadas para o volume, incluindo o Surrealismo e o próprio Abjeccionismo conforme interpretado até então. O próprio salientaria essa necessidade de assumir uma posição face às etapas anteriores numa das respostas a um esboço de inquérito proposto por Fernando Ribeiro de Mello, atacando especialmente o projeto de Cesariny:

E foi isso que me meteu raiva e me fez participar no lançamento do livro com um texto, lido por MCV [...] e que intitulei precisamente *o que é o neo-abjeccionismo* [...]. Porque lhe chamei neo-? Para me opor ou diferenciar, para me distanciar. Talvez, também, para gozar um bocado com a literatice toda. (BNP – N85, cx. 4)

O segundo momento em que Cesariny é nuclear na definição dos propósitos de Pacheco encontra-se no texto que marcou a rutura definitiva entre ambos e que bebe diretamente na polémica relacionada com a ausência de

---

<sup>4</sup> Para uma leitura mais pormenorizada da polémica entre Cesariny e Pacheco, cf. Franco (2016).



dois textos em *A intervenção surrealista* que Pacheco considerava decisivos e que, como salientei, são marcantes no percurso configurador do discurso abjecionista sobre a libertação do indivíduo criador: «Aviso a tempo por causa do tempo» e «Autoridade e liberdade são uma e a mesma coisa». A coragem com que Cesariny afirmara em 1958, na esteira de Lisboa, que «Ser-se livre é possuir-se a capacidade de lutar contra o que nos oprime. Quanto mais perseguido mais perigoso. Quanto mais livre mais eficaz» (Cesariny, 2015: 85) é reiterada por Pacheco num texto marcante, «Comunicado ou intervenção da província» (1966), que, tendo como pretexto a edição de *A cidade queimada* (1965), apresenta Cesariny como um representante da libertinagem no quadro de uma sociedade abjeta:

O Cesariny é o Poeta do Corpo e toda a cidade queimada o manifesta, toda a sua poesia desde Corpo Visível o revela, glosa esse tema inalterável, com uma sinceridade e uma violência que no-la afirmam muito mais do que um simples inventado exercício de ritmos e rimas, aliás, superiormente dotado e laborado, mas como uma revolta do sangue, a voz de uma pessoa indomada e indomável. Direi também: um orgulho e um desafio ao tempo, principalmente ao nosso tempo. [...] O Poeta como vidente, quase como apóstolo dá-nos notícia e exemplo duma Moral Nova, mais livre, para dizer a palavra exacta: LI-BER-TI-NA. E o seu poema marca o roteiro dos perigos e angústias de como podemos lá chegar,

ou de como ele já lá chegou. Não é fácil, não julguem. (Pacheco, 1974: 242-244)

Cesariny não estava interessado em corresponder a essa imagem da condição poética e ao modo como o Surrealismo-Abjecionismo vividos em Portugal tinham sido capturados por ela. O mais coletivo e ambíguo discurso com que Cesariny lidara com a vertente abjecionista e circunscrevera o seu papel e o seu alcance não poderia coincidir de modo algum com a metamorfose neo-abjecionista do que fora idealizado duas décadas antes, nas conversas entre Lisboa e Oom, colocado ao serviço do radical individualismo libertino de Pacheco. É esse, afinal, o sentido profundo da transição de discurso que procurei analisar neste texto.

## Bibliografia

- Cautela, A. (2013). Surrealismo & Surrealistas. *A Ideia. Revista de Cultura Libertária*, **16**, 71/72: 57-66;
- Cesariny, M. (org.). (1963). *Surreal-Abjection(ismo)*. Minotauro. Lisboa;
- Cesariny, M. (1974). *Jornal do Gato: Contribuição ao saneamento do livro Pacheco versus Cesariny edição pirata da Editorial Estampa colecção Direcções Velhíssimas*. Raul Vitorino Rodrigues. Lisboa;
- Cesariny, M. (org.). (1997). *A intervenção surrealista*. (2.<sup>a</sup> ed.). Assírio & Alvim. Lisboa;
- Cesariny, M. (2014). *Cartas de Mário Cesariny para Cruzeiro Seixas*. (Ed. de Perfecto E. Cuadrado, António Gonçalves e Cristina Guerra). Fundação Cupertino de Miranda. Vila Nova de Famalicão;
- Cesariny, M. (2015). *As mãos na água a cabeça no mar*. (3.<sup>a</sup> ed.). Assírio & Alvim. Lisboa;

- Cesariny, M. (2020). *Uma última pergunta: Entrevistas Com Mário Cesariny (1952-2006)*. (Org. de Laura Mateus Fonseca). Documenta. Lisboa;
- Franco, A.C. (2015). A grande guerra entre Mário Cesariny e Luiz Pacheco. *Ler Livros & Leitores*, **140**: 60-71;
- Guimarães, F. (1989). *A poesia contemporânea portuguesa e o fim da modernidade*. Caminho. Lisboa;
- Guimarães, F. (2004). *Simbolismo, modernismo e vanguardas*. (3.<sup>a</sup> ed.). INCM. Lisboa;
- Lisboa, A.M. (1977). *Poesia de António Maria Lisboa*. (Texto estabelecido por Mário Cesariny de Vasconcelos). Assírio & Alvim. Lisboa;
- Lisboa, A.M. (1995). *Poesia*. (Org. de Mário Cesariny). Assírio & Alvim. Lisboa;
- Martins, F.C. (2016). *Mário Cesariny e o Virgem Negra*. Documenta. Lisboa;
- Martuscelli, T. (2013). *Mário-Henrique Leiria e a linhagem do Surrealismo em Portugal*. Colibri. Lisboa;
- Mourão, J.A. (2002). Surrealismo e Tecnossur-realidade: Rotas convergentes? *Atalaia – Inter-mundos*, **10/11**: 31-38;
- Pacheco, L. (1974). *Pacheco versus Cesariny*. Estampa. Lisboa;
- Sousa, R. (2016). *A Presença do objecto no Surrealismo português*. Esfera do Caos. Lisboa;
- Sousa, R. (2019). *Do Libertino: Revisões de um conceito através do caso de Luiz Pacheco*. Tese de Doutoramento em Estudos de Literatura e de Cultura (Estudos Portugueses). Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Lisboa. 382 pp.